

CONCERTO
PARA O FIM
DO FUTURO



Alexandra Kräft

ALEXANDRA KRÄFT

CONCERTO
PARA
O FIM DO
FUTURO

SOBRE A HUMANIDADE DE ALEXANDRA KRÄFT

A maioria dos sistemas filosóficos são filhos uns dos outros.

Os seus autores surgem apenas como pretextos dos mesmos sistemas.

Todavia a biografia íntima dos homens que filosofaram tem interessado muito pouco a todos. É no entanto essa biografia a que mais coisas pode explicar na formação dos referidos sistemas.

Começaremos pois por colocar algumas questões sobre a Humanidade ou (des)Humanidade de Kräft.

1. Quem é A. Kräft?

Alexandra Sigmund Kräft elege o **átomo** como Estátua Cós mica.

Ela pensa sobre os contornos e sombras dos objectos, não sobre os próprios objectos, que não existem.

Por isso o outro ser humano é uma ilusão: **tudo é objecto do seu olhar.**

E tudo é abjecto do seu ver.

É esta náusea que a define.

2. Para Kräft, Deus é.

O Deus-racional, o Deus-uno, o Deus-aristotélico, o Deus-autor da ordem moral, o Deus-sentimental, todos eles têm sido a projecção, no exterior, do infinito interior do Homem-humano.

Para Kräft não há Deus. E não **O** há porque todo o existir é uma ilusão. **Para Kräft não há Há.**

(O único modo de crer é ser)

Então o que Há?

Apenas sombras de Coisas que pensamos ver, que pensamos tocar, que pensamos cheirar, que pensamos pensar.

E é sobre esta complexa rede de informações pensadas que se constroem "coisas" (depois da destruição do já pensado), um Universo Novo.

3. Eus é Kräft.

Kräft é todos os Outros. Os Outros são a intotalidade das coisas visíveis e invisíveis.

Kräft espraia-se na infinidade de sons-imagens, já que a Eternidade é esse "puré" original de sons primordiais.

Kräft sabe que a morte do planeta, do Universo, de qualquer Universo, tem como absoluta essência o **Som**.

"Estamos a distanciar-nos cada vez mais da individualidade histórica de cada objecto". "Temos sido até aqui uma espécie de guarda-mortos". Com estas palavras Kräft denuncia bem o império dos mortos. Ela encontrou na Humanidade o emprego dos sepulcros.

Por isso Kräft aniquilou os "objectos" pela ordem por que estavam representados.

Tornou, em primeiro lugar, a Terra um vasto cemitério. Depois, os astros. E, finalmente, Deus, como guarda-mor de todo o Universo por ela pensado.

Kräft deixou há muito de olhar a Esfinge.

Ela veio à matéria para actualizar os átomos, realizando nesta operação simbólica a **Outragem atómica**.

"Faça-se Silêncio", diz ela, para ouvirmos o Evangelho do Um."

Ela é profeta de uma religião sem religiões.

*“O tempo é construído com palavras, frases
jogos harmónicos e poéticos”*

A CAPTURA DOS ASTROS

desejámos um dia a captura dos astros
como quem amealhava sangue nos cofres
ou soprava por entre um muro na boca
a luz assinalada no peito dos pássaros

desejámos um dia abrir os nossos aeroplanos
e ouvir no grande aparador de sons translúcidos
a metáfora das asas

direi então as suas casas esmaltadas na face pálida dos
átomos
os seus retratos de nuvens
as suas pinturas telegráficas no registo das chuvas
ausentando-me assim da história
perigosa
dos
números

A SOLIDARIEDADE DO UNIVERSO

escrevo a tua história bem sei num terraço de moléculas
sobre o teu corpo resistindo mal a grandes temperaturas
a efémera bioquímica da vida
os hieróglifos da antiga ciência
a solidariedade das suas pedras
a espantosa interconexão de tudo quanto existe
o universo compõe-se de algum modo
de sóis extintos e de supernovas do teu sagrado sexo
oh essa espiral fecunda do Universo
que vibra

o teu corpo procura a verdade
a verdade da Grande Matéria entre aminoácidos
e o meio ambiente uma verdade atómica
como se a evolução fosse guiada por Alguém
e procurasse um pequeno caminho na Terra

escrevo a tua história bem sei
entre minúsculos átomos de carbono e versos
vozes da matéria alguns sóis
o ferro do teu sangue continua regressando
ao coração do mundo
as distâncias dos objectos vão aumentando
daqui a biliões de anos onde estarão estes versos?
insisto que existe uma infinidade de mundos
e a gravidade não é senão a curvatura do universo
este mundo é uma estrela a Terra
(nem toda a luz a vemos)
caminhamos para a grande névoa

OS ECOS DOS REMOS

para que oceano vertem as máquinas?
para que campo terrestre despertam as suas gruas?
e caminharemos talvez por estas minúsculas páginas
obedecendo ao contágio celeste do tráfego dos números
falaremos então por este passado de barcos
esquecidos em remos nos alicates das águas
falaremos talvez de uma outra figura nos dicionários
voláteis
separados nas águas por pequeníssimas nuvens

falaremos pois das suas campas
traçadas em largas caudas vibráteis
falaremos tão só da sua construção alfabética
em espelhos terrestres em águas minúsculas
ou ainda tocados pela inspiração da pesca
perguntaremos um dia pelos seus ecos
em grandes planetários galácticos

GEOGRAFIA CELESTE

luzes

luzes através das palavras no lençol das imagens
e trazes nas veias uma pomba metálica
que bate em metáforas num dicionário de tule escrevo
então o teu nome às golfadas
sob o peso da casa sob os dígitos da chuva
escrevo o teu nome
em coordenadas celestes num relâmpago azul

ÁTRIO ESTELAR

guardo os astros os seus telegramas
as suas bicicletas de espaço
as suas antigas roldanas
as fotos das naves
os seus últimos recados
os seus cartões de visita pespontados
a inúmeras questões de Ciência e Instantes

guardo os seus músculos vibrantes
a sua música espelhada no rumor das mesas
as suas mudas palavras
ou antes
as suas rotas de quarks
movidas a perguntas de Como e Quando

fico aqui aguardando os seus in(d)ícios de sangue
nas páginas das galáxias
sonâmbulas construções de uma energia branca
transformando o meu destino
em relâmpagos

aqui aguardo aqui aguardo
as novas gaivotas do espaço: os astros.
que cantem.

A HERANÇA

há uma loucura perturbadora nas sílabas dos móveis
em cuja vastidão há palavras que se perdem
mas dar-te-ei um lance neste jogo de cartas
aliviando-te do fundo da colina em que se juntam

mas será preciso que tudo se revolva como um fósforo
a forma e o ferrolho na fronteira da erva
a grande colecção dos soluços da coruja
com tubos musicais pelas veias telefónicas

dar-se-á então um truque no real pela espiral das nuvens
a fronteira e o núcleo na face das perguntas
onde os livros aí estão de sílabas imóveis
de raízes apontadas para o haxixe das dúvidas.
e pelos nomes das veias da mistura das estradas
onde viajam os números os rebanhos do futuro
passaremos juntos pelo teorema de pitágoras
em imagens na avenida pelas sílabas da chuva

ODE SONORA

ó pobres modernos tráfegos urbanos
traçando com cimentos planos celestes!
— arquitectos de anjos e de átomos —
— traçando no Universo as represas da sede!

e todos nós infelizmente deuses mortais
crentes de uma hipérbole num paraíso redondo
todos nós infelizes de excessos neste deserto
numerados em séries de cofres actuais
morreremos crucificados no intervalo dos átomos
na escola celeste dos códigos dos semáforos
morreremos na fábrica das palavras
numeradas em objectos
todos nós infelizmente deuses mortais

e dói-nos esta morada este destino interestelar
na vibração invisível suspensa de Nada
no engano das colinas nas coisas só possíveis
em formatos de A4, A3 ou etcetera

depois a Viagem ou antes de sermos deuses a sério
na derradeira promessa de um sistema
somos estrangeiros das palavras unívocas e suburbanas
repetindo o Geómetra no último tronco das águas
 sábua a promessa do discurso dos lagos
em seus longos cabelos espelhados em metáforas
sábua antes dos sábios e dos arquitectos das Formas
no plano celeste que vive do silêncio do Cosmos!

mas eu canto este paradigma genial num conceito sem claves
esta numerologia divina nos braços rodados de Euler

esta escada de palavras parabólicas em exponencial
em estradas de pássaros de hélio e de lagos

canto e respiro a genealogia destes sons actuais

traçados em hipérbolos de signos urbanos
em gabinetes de vento em moradas mortais
nas represas do silêncio em oceanos espaciais

e este cosmos é uma nave tele impressa
em códigos reais entre ruídos dispersos
no Livro dos Sinais
entre o destino das estrelas entre átomos numerados
nos écrans da hipérbole
dos deuses e da sua Árvore

TEATRO A(NA)TÓMICO

um imenso teatro: um monte de estuque
um travesti lendo o jornal num planalto
por vezes arrepia a ilusão óptica
uma auto-paródia
enquanto o cérebro dum robot
é invadido por ervas daninhas

não há destino há o zelo
de criar a ilusão da vida

um cortejo de moradas circula
os átomos passeiam nas ruas
uma espécie de naves
chega-lhes a faltar o desgraçado aspecto
das dunas

às vezes a horas variáveis de uso
formam um grupo sombrio
uma tertúlia
uma espécie de empregados das órbitas
com forte estrabismo nas linhas

a matéria assume agora
uma língua isto é
uma fatalidade corpórea
uma semana toda ela domingos
ou ainda
uma barata com uma pata dobrada
à maneira budista

a matéria é um terraço calvo
de macia penugem
uma morte honesta estendida pelo Universo
uma dama antiga nas unhas
uma fotomontagem da cinza
ou ainda o meu pai e a minha mãe
mergulhados em tinta

um imenso teatro: mímica
um sapateado de móveis
tapados com panos brancos

plenos de significados
um organismo uma espelunca
escondida
numa quinta eólica

mudou o chão mudou a Terra
uma vela pousada a seu lado
talvez uma estrela talvez uma procissão
este teatro avança sereno
com uma anatomia fantástica

para onde?

para que máquinas metálicas?
para que troféus espetados na ponta?
para que angústias? para que salas?
para que águas-furtadas de garrafas vazias?
para que fundo sonoro
na escala das línguas?
para que caravana de esfinges?
para que almofarizes?

para que pérsias do espaço?

quantas forças o empurram?

quantos violoncelos enlouquecidos
o reconhecem?

ancorado dentro de nós o teatro

o infinito teatro: o trágico

a solidão orfã

o soalho do espaço

oferece-nos gratuitamente

os textos apócrifos

de um calendário

ancorado dentro de nós

movido entre capítulos de astros

oferece-nos

um viveiro de átomos

O ACTOR

o átomo canta infinitamente a luz
do Incrriador.

o átomo canta.

o átomo
é
actor.

FUTURAS AÉREAS ÁRVORES

futuras aéreas árvores aqui plantadas
ao rés do chão das águas
com suas hastes inclinadas
futuras aéreas árvores
fazem e desfazem as paisagens
enferrujam os campos
levantam os soalhos com suas espadas

futuras aéreas árvores traçam sábias
os corolários das máquinas
com suas iluminadas mãos

regressam à potência das estrelas
pelas sílabas
ao encontro do Sol

À ENTRADA DAS HORAS

diremos talvez um dia o que nos propõe
esta navegação terrestre de âncoras celestes
falando tão só das suas moradas antigas
separadas por dilemas de vitrinas

diremos talvez um dia estes eléctrodos celestes
navegados por horas maniqueístas
na história perdida dos diques ou
aludiremos então para sempre à entrada do sono das Horas
à sua caixa de remos às suas moradas niilistas
o mapa perdido das âncoras
o mapa oculto pelos líquenes
à entrada

à entrada do sono das Horas

UM CAMAROTE DE SOL

para cada palavra um átomo
um mundo uma paixão
uma segunda vez a Criação

o Génesis das cidades
as suas escadas rolantes fascinadas
pelo fogo da expressão

para cada palavra cada átomo
um acto de lava
um salto sonâmbulo no Real
um sapato de mariazenha
aos saltos no quarto ou
um candeeiro pendurado no Sol

para toda a matéria prisioneira
os pensamentos em ziguezague
da criação astral

para cada palavra um átomo
uma religião
uma ruga vincada nas ancas
da Via-Láctea
ou o tutano dos móveis
sensíveis às narinas da matemática
agarrado a fórmulas celestes
a venerandos martelos de expressão
para cada palavra cada átomo
um camarote de Sol

A CONVERSÃO DO LIXO

observem estas cidades estas máscaras
estes bidons de lixo estes átomos
estas garrafas incendiadas por ácidos
estes moinhos de aromas
cozendo as lágrimas dos pássaros
na amurada das caixas das casas

observem estas cidades estas máscaras
ao rés de um pedal luminoso
como ascensores minúsculos dos astros

observem estas cidades estas máscaras
voando por rancos insuportáveis
esperando talvez *nietzsche* subindo
a gama volátil das cores
como um cemitério de átomos

no mapa luminoso do lixo
ou a sua conversão em pátrias

NO ÁLBUM DAS MÁQUINAS

direi sobre as Coisas as suas frases as suas águas celestes
as suas salas de projectos em chamas terrestres
as suas sementes incompletas na linguagem dos objectos.
direi sobre as Coisas os seus átomos rupestres
numerados por instantes na semântica das máquinas.

direi sobre elas um campo aberto
em moradas aritméticas as suas frases de Tarski
rumo ao calendário da neve ou de como são os seus retratos

as suas breves casas no álbum da linguagem.
das máquinas.

O ROSTO DAS DÚVIDAS

poderemos um dia conhecermo-nos
ou o tapume dos diques ocultará para sempre
a querela dos nossos disfarces?

ou diremos tão só as suas perguntas
gravadas em vitrinas maniqueístas
apontando em finíssimas gruas arquitecturas
imprevistas?

ignoraremos para sempre de resto
as suas dúvidas no rosto das chuvas
que trocaremos por outras perguntas
indagando pela milionésima vez quem somos
ou porque disfarce antigo
nos ocultámos dos barcos
no tabuleiro antigo dos diques das águas

NAVEGAÇÃO

navegar o silêncio a memória
navegar as estrelas o odor do espaço
o seu sangue coagulado em planícies de vento
por jardins alinhados de poeira e ar
navegar os destroços
as palavras e os barcos
navegar por sinais intemporais
ou por silêncios de espectros
terraços
templos imersos
em conversas de aéreos vitrais

navegar os astros em cânticos desertos
em grandes transatlânticos do espaço
entrevistando luzes terrestres
navegar alucinadamente
vocábulos e tendões
por inúmeros portais invisíveis
electrões

navegar na cápsula do Tempo muito lentamente
galáxias ritmos e ritos
navegar o vento
navegar inesperadamente
a astrofísica da vida
navegar secretamente contra o escuro
contra a luz apodrecida
uma esfera de silêncio
navegar contra os átomos ausentes

PELA BONDADE DAS CHAMAS

ardem séculos sob um cristal que oscila
entre rectângulos e retratos de nuvens tímidas
descerá pela estrada um vagido da escotilha
em sinal de desordem ou pátria de origem
lavrada sobre o rio na púrpura do risco
tudo quanto conserva as chamas e as figuras esfíngicas
e regressam todos como heróis de manhãs vazias
requentados pela aresta de um silêncio nos bolsos
onde despedidos não há sinal da casa
nem de paredes vivas com o limite dos mortos

vieram do instante a tristeza e a fronteira
pelos canais interrompidos pela lama e pela pose
onde os filhos se escondem e as mães se inclinam
pelos écrans dentro que excedem a cifra de york
- vieram pelo rumo dos postigos sobre a esfinge da clareira
do grande terraço das palavras dos campos
ilustrando agora as figuras caídas
entre o alcatrão e o riso
que as cinzas devoraram pela bondade das chamas

AS VEIAS DO ESPAÇO

digo o voo das aves
essas veias levíssimas do espaço
as suas sílabas subitamente sentadas
em cadeiras voláteis
digo essas delicadas naves
que navegam por metáforas matemáticas

as suas figuras de números tranquilos
os seus modos de penetrar o espaço
as suas danças de átomos
os seus múltiplos resíduos
em silenciosos halos de naufrágios

digo as suas galáxias de luz e números

CINESCÓPIO NOCTURNO

deve ser meia noite sobre a epopeia das casas
deve ser meia noite sobre a cortina dos muros
ou ainda teremos um teclado de dúvidas
no vagido dos números
diremos então o sucessivo formato das Horas
o seu forro de lume atravessado por chuvas
e movem-se sobre estas cidades estas figuras
estas gruas de silêncio estas casas nocturnas
movem-se sobre estas cidades uma oculta música
uma ópera de ordens uma ópera de números
que vamos proferindo
para os depósitos celestes das nuvens

proferimos talvez para sempre
nesta Sala de Interlúdios
a sua aurora de lume a sua persiana de chuvas
numa carta guiada por espelhos inúmeros
responderemos então sobre estes êmbolos da chuva
sobre estes átomos de cuspo
numerados celestemente sobre esta Sala do Cosmos
uma água de dúvidas ou um sopro excessivo
ou diremos mais tarde
na cinematografia dos segundos
o seu cinescópio clandestino

NA EQUAÇÃO DO COSMOS

estavam todos sentados no tabuleiro dos campos
estavam todos sentados sobre as tílias do sangue
estes novos mil apóstolos à mesa do atlântico
estavam todos sentados sim falando sobre o destino
das magnólias dos campos no leque dos países
e olhavam inocentemente à mesa do ocidente
a perícia dos microfones no tempo de ísis
emprestando a mão esquerda ao centro e a direita
ao infinito

estavam todos sentados sim no tabuleiro dos campos
estes novos mil apóstolos tecnocratas do ruído
descuidando para sempre o feedback do meu destino
da minha única coordenada celeste na equação do cosmos

e já pressentimos as palavras avariadas das esfinges
ao telemóvel celeste da noite niilista do sangue
já pressentimos estes novos mil apóstolos fumando
a última pedra de haxe do meu destino
sem feedback na equação do cosmos

PARA NEPTUNO

traçamos hoje quadrados de nada
um cortejo de alfabetos uma queda
um grito de Kafka para os átomos
um poema de Kräft no espaço
um futuro sob a forma de impulsos
um território musicado ao máximo

O FUTURO DOS LÍRIOS

recordo o destino dos homens
a poderosa prisão onde se encerram
cantando a canção dum lírio gelado
numa pirâmide cega

recordo as suas chagas as suas plataformas
as suas chuvas de formas
no centro do sol
recordo em mapas ardilosos
as feridas das mãos
a poderosa liberdade das aves

recordo ainda as manhãs ceifadas
pelo granizo dos relógios
em jardins secretos por rosas indecifráveis

recordo *mozart* as afogadas cidades
iluminadas por candelabros
a chuva atômica finíssima
que cai sobre os telhados

recordo outubro em dezembro
as suas águas
as suas árvores de silêncio exaltadas
as suas rosas despidas
no centro do frio

recordo as suas espadas em múltiplos suplícios
que singram em um navio
nas salas de *jorge peixinho*

recordo as comportas
com suas flores de zinco
na primavera da matéria

as suas naves de neve as lágrimas
os violoncelos dos limos

no arado atómico da terra

recordo
recordo sobretudo o futuro dos lírios

ESCREVEMOS O ESPAÇO

escrevemos o espaço
por vezes o breve e desolado espaço
dos manequins empalhados
com seus rostos mobilados de átomos
e seus braços ornamentados de futuro

escrevemos o espaço
através de milhares de arcadas de quarks
com suas salas deambulando pelos astros
em múltiplas escalas iluminadas

escrevemos o espaço pela teoria das metáforas
extra- planetariamente
num grande terraço de Imagens pelo ADN

pela Cabala

NAVE DE CHUVAS

navego este navio celeste este paquete de lágrimas
pela amurada dos campos pelas asas das águas
navego por esta estrada terrestre de tecidos urbanos
à secretária celeste do Número dos anjos
rumo urbanamente no telégrafo das horas
numa querela de morses num disfarce de instantes
rumo por esta harpa sonora por esta avenida de *quanta*

e toda esta caligrafia rápida de naves hipersónicas
é na ardósia das dúvidas um vídeo celeste
uma água sinfónica

rumo urbanamente pelo harmónio das horas
junto a estes actores celestes em minúsculas figuras atómicas.
rumo pela sua arquitectura pela sua nave antiga de
Aleph e Shin

POR ALGUNS ÍNTIMOS CAMINHOS

uma outra noite se levantará na noite
e por alguns íntimos caminhos
chegaremos à divindade dos cisnes

por um ínfimo caminho
chegaremos às suas asas de violinos
um território levíssimo
de hífens e de arminho

chegaremos um dia
pelos cisnes

à modalidade da Flauta e dos Sinos

LABORATÓRIO DO VENTO

só de noite o vento sopra só de noite
seja qual for a cidade qual estátua
a estrutura desta toca
só de noite sopra o vento pelas máquinas.
estou diante delas diante delas
destas tocas que me esperam
das suas vitrinas celestes das suas águas

e não pergunto através de que palavras
o vento sopra. por onde forma estátuas
estou dentro delas estou dentro delas
fazendo ocultos percursos atómicos
tomando a direcção das pedras
aproximando ritmos expulsando eléctrodos
estabelecendo contactos por invisíveis impulsos cósmicos

só de noite o vento sopra só de noite.
só de noite o legado das vozes
o traço dos seus barcos as suas rotas
que anunciam a minha direcção
às placas luminosas às derrotas
contrária aos fósforos da matéria
às suas notas às suas notas

só de noite o vento sopra só de noite
consigo ver as migalhas luminosas destas tocas atómicas
transportando nos seus ínfimos dentes hipopótamos
em belíssimos poemas estridentes

NUMA PLACA DE QUARKS

o vento é a verdade principal dos filmes
e bem sei dos telegramas dos rios
onde dormitam turbinas de energia
para melhorar os cabelos dos átomos

bem sei que nos ocultámos dos barcos
por um truque antigo de disfarces
onde deixámos recados nos astros

de resto
ignorados pelos êmbolos do espaço
numa placa de quarks
escreveremos para sempre em figuras de estilo
as suas minúsculas naves

LABORATÓRIO DO NADA

escrevo a poesia dos versos a sua cinza
a viagem das folhas numeradas no calendário das Horas
escrevo aqui em inúmeras caixas a velha história das águas
que se deixaram matar pelos barcos
no remar vazio das lágrimas

escrevo aqui o ruído dos plásticos
os alicates dos astros

para a capa dos livros que viajam

então pergunto-me
pela tempestade dos dicionários vazios
que foram enviados para o Nada

abro então as torneiras do espaço
os seus diques as suas pinças luminosas
para proferir ao nível dos calendários
o amor subtil
e multicolor dos pássaros.

TEOREMA DE GÖDEL PARA O AMOR

é um inconveniente amar
isto ou aquilo um objecto em movimento particular
a orgia enfática dos seus êmbolos
o adeus clássico dos cláxones nos parques
o ruído atómico das buzinas coladas aos barcos
as coisas excessivas e principais da idade.

é um inconveniente amar e por isso digo
o meu carro é uma realidade
uma cela onde posso estar
pra frente pra trás pra cima pra baixo
um livro de calças justinhas ao Universo
podendo ter as pernas pro ar ou ainda
a capa miudinha da alexandra kräft
escrita com carinhosos garfos na língua.

é um inconveniente amar.
é sobretudo um inconveniente deixar
algumas páginas de parte.
os meus versos foram escritos
com frascos de néon verde
incendiados pelas vitrinas do mar
com esplanadas de algas nas gengivas
e astros ao fundo nas praias.

é sobretudo um grande inconveniente
juntar o mar ao mar
com mesas cobertas de água
junto às grades dos Nomes,
com suas asas de bicicletas em movimento
com suas memórias de caldeiras acesas

com suas sobancelhas de relvas pretas
vigiadas por amplos destinos desertos
como ecos despedaçados em violetas.

mas
havemos de conversar
sobre as sombras das cidades
ao nível dos olhos apagados
onde os objectos são cegos
beijando-se em grãos translúcidos
de muros matemáticos,
cujas folhas avançaram para a piscina dos números.

é um enorme inconveniente amar
corresponder ao seu nível enfático
reconhecer as suas patas grávidas
mexer nos seus chapéus altos de espuma
ouvir os seus nomes de consolações agrárias
amontoar todos os objectos num perímetro vulgar
ou combater os mesmos objectos
com ilhas de Gödel vidros pálpebras

é absolutamente inconveniente amar
ao convés dos ascensores
contemplar o rés-do-chão das mesas
os beijos dados pelas flores,
os abraços dos musgos metálicos
feitos de arame farpado nas cores
ou ainda olhar o cuspo aéreo e volátil
que se desprende dos corpos
misturados em recintos incolores.

é absolutamente inconveniente amar
dar largos passeios nas avenidas de jogo

ou corresponder ao seu salto mortal nas casas,
poisar a geleia nos vidros as nódoas do passado
em grandes baldes pequenos de válvulas de vim de cif
de microchips etc etc até ao infinito
ou deixar a sucata das pastilhas elásticas
no teorema de Gödel input output
ao volante dos dinossauros das máquinas
quando resolvermos então mudar o Universo para outro lado

ou dar um beijo no rosto dos átomos
ou ainda descrever estes pequeníssimos insectos da verdade
os quarks os quarks os quarks
em papel meticuloso de intervalos
escrevendo todas as palavras verdadeiras e falsas ao mesmo tempo na Realidade

é absolutamente inconveniente amar.
ou será isto o que esquecemos
para sempre
na linguagem matemática dos sinos?

POR ENTRE A CERTIDÃO DO AR

estes dias um dia avanço
vou-me vestir de quarks e já regresso
ouvir o som da história o seu disfarce
o crédito dos pássaros o fácil verso

estes dias um dia avanço
no reverso e no verso da herança
no rascunho no papel dos átomos
na nuvem cósmica do espaço
na mão que dança

recebo então de volta o som que sopra
o Sim do mar o som que avança
por entre a certidão do ar
a flecha dos relâmpagos
a nuvem cármica
o som que sopra na distância

eis então que digo porque digo
sou do espaço humilde pérola
o destino dos relâmpagos
o sonho das flechas o som que

avança do Início

O INSTANTE

cravo nestas casas o Instante os seus ecos
os seus átomos agrestes de vozes suburbanas
cravo nestas casas de paredes reflexas
as imagens de néon na máscara dos campos
e ascendem para os astros estas horas celestes
onde habitam os pássaros
numerados por desertos

cravo nestas casas os ecos dos seus versos
as suas paredes de celofane
cobertas a pássaros e panos
cravo nestas casas a música dos barcos
de remos apontados para a cordilheira dos ramos

cravo nestas casas o Instante
teletransportado para o espaço:
translúcido abandono em átomos hierofantes
cravo nestas casas o Instante
a sua eternidade que se abre
como um leque deslumbrante
trémulo na noite

uma estrela incessante

CÁLCULO INFINITESIMAL DAS HORAS

estas estas algumas horas
derramadas no tabuleiro do Espaço
para a teogonia
das
nebulosas.
para um infinito quântico
para a matéria futura do Canto
com suas partículas subatômicas

depois da Grande Explosão
depois do Big Bang da Criação
o Tempo é a alavanca da matéria no espaço
moléculas estrelas galáxias uma corporeidade universal
os telemóveis têm uma importância cósmica
o universo é número e harmonia na mística dos átomos
pitágoras afirma que o universo canta
mas o universo ainda não explodiu ao máximo
este poema não está separado da Unidade
deus é feito materialmente de estrelas mortas e novos sóis
os electrões geram interacções psíquicas
a terra girou muitos biliões de anos até adquirir consciência
realidade eterna que eternamente se revela
a matéria é uma fotografia da consciência cósmica
a matéria telefona-se a distâncias astronómicas

O TALENTO

o talento é obra dos tempos
diria o talento consubstancia
a matéria do mundo
o talento é a máscara dos deuses
por isso escrevo e penso
em martelos levíssimos d'incêndios

digo então para sempre

que tudo permaneça imóvel
nas máscaras do Sim
que tudo seja transformado
infinitamente em manequim

2025 2025 A CAMINHO DE MARTE

2025: a chuva ruiu sobre a paciência dos quarks
sobre estes navios modernos de átomos
entre assobios de Marte e metades de pássaros
iluminados
por deuses de asas telegráficas.

2025: observatório modelado por Imagens
onde foram guardadas as palavras
em grandes contentores numerológicos
a velocidades voláteis.

e chovem princesas d' astros sobre as casas
sobre a eternidades dos átomos
chovem sobre os objectos planícies desertas
ameaçadas por estas coisas sonoras do espaço.
e estes levíssimos símbolos de terminais matemáticos
sobrevoadam estas pequenas gavetas as casas da Terra
ferradas a ouro e a chagas atómicas

e não poderemos mais dormir no espaço
sobre estes retratos perdidos de palavras sonoras
nem átomos nem dúvidas nem quarks
não poderemos mais reformular a Terra
anteriores que somos à matéria das águas
anteriores que somos à eternidade transformada
do Caos em Nada.

2025 2025

2025 a caminho de Marte!

ALFA E ÓMEGA

era quântica do universo ou do princípio
de heisenberg ou princípio da incerteza
de tudo quanto existe e ainda existirá
antes da luz das galáxias mais distantes
vaga radiação como um bater de asas
de quando o universo era louca agitação
antes do céu e terra tomarem forma
um enorme ovo cósmico dentro do qual
era o caos como no oratório de mozart
e terra e céu estavam unidos
por uma alegria que não pesava nada
unidos pelo vazio para o cântico nupcial

a matéria era completamente desintegrada

e eu estava sentada no espaço invisível
não havia nada não existia o Nada
como alexandra Kräft estava velada intemporalmente
e a realização eterna não tinha coordenadas
nem tempo nem espaço
tudo era escuro no cosmos uma noite profunda
antes da grande explosão
e os electrões não deixavam passar esta luz
e a luz era então a memória imprecisa da vida
e todas as coisas existiam em profunda Unidade

então numa caminhada vazia electrões e protões
uniram-se como num drama cósmico
pela via do verbo *materia prima philosophorum*
e o espaço opaco abriu-se em transparência
e luz e a luz apoderou-se dos interstícios

um límpido Som celebrou esta união cósmica
e todo o verbo saiu desta explosão
foi o primeiro êxtase da Criação as primeiras estrelas
começaram a brilhar nas galáxias
depois do mundo ser invisível
depois de prótons e elétrons dançarem e formarem
núcleos
como eternos amantes tornados visíveis
e o universo a uma temperatura de bilhões de bilhões
de bilhões de milhões de graus a milionésimas de milionésimas de
microns de segundo depois do
princípio

depois de não ter havido galáxias nem estrelas
senão matéria e radiação
num sopro termonuclear mergulhado na volúpia dos
átomos
num mágico círculo de fogo e de ritmo
no jogo das sete potências num jogo do Todo vivo
na Perfeição

era a imensidade celeste

as sementes dos átomos estavam espalhadas
e todo o Universo permanecia e permanece em
expansão
e se a expansão aumentar aumentará a distância entre
elas
e ao fim de toda a evolução as estrelas parecerão anãs
e os planetas terão cada vez mais espaço tudo é
processo
e o universo inteiro tenderá para um único acorde 4

universal

um superorganismo Total

ficará então na memória do big bang a recapitulação
de todos os seres de todos os astros de todos os
cálculos

para o aperfeiçoamento do Universo

e de novo recolherás à concentração

isto é à expansão ao invés e eu como alexandra Kräft

recolherei aos poemas científicos de heisenberg

ao princípio universal do alfa e do ómega

decompondo-me em partículas e núcleos atômicos

em total comunhão cósmica em total desintegração

eu como alexandra Kräft ficarei

de novo no depósito do Ser Impessoal

A MORADA DOS SÁBIOS

escondidos para sempre na eternidade dos átomos

um dia regressaremos

regressaremos transparentes e livres

regressaremos

actuais

e

sábios

ÍNDICE

- A captura dos astros
- Numerologia
- A solidariedade do Universo
- Os ecos dos remos
- Geografia celeste
- Átrio estelar
- A herança
- Ode sonora
- Teatro anatómico
- O actor
- Futuras aéreas árvores
- À entrada das horas
- Um camarote de Sol
- A conversão do lixo
- No álbum das máquinas
- O rosto das dúvidas
- Navegação
- Pela bondade das chamas
- As veias do espaço
- Cinescópio nocturno
- Na equação do Cosmos
- A dispensa das lágrimas
- Para Neptuno
- O futuro dos lírios
- Escrevemos o espaço
- Nave de chuvas
- Por alguns íntimos caminhos
- Laboratório do vento
- Numa placa de quarks
- Laboratório do Nada
- Teorema de Gödel para o amor
- Por entre a certidão do ar
- O Instante
- Cálculo infinitesimal das horas
- O talento
- 2025 2025 a caminho de Marte
- Alfa e ómega
- A morada dos sábios

Alexandra Kräft [Heterónimo de Maria Azenha]

1ª. Edição: Outubro de 1998

ISBN: 972-8310-89-7

Lisboa – Portugal

Depósito Legal: 127539/98

2ª. Edição (*revista*): Novembro de 2020

*

Obra distinguida com o Prémio Eça de Queiroz, Menção Honrosa (1990)

Sobre: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Azenha

